

## AMADEU AMARAL

Sílvio Elia

Seu nome completo era Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteadado. Nasceu no Estado de São Paulo, no Município de Capivari, a 6 de novembro de 1875 e faleceu na capital do Estado, a 24 de outubro de 1929. Foram seus pais o Sr. João Arruda Leite Penteadado e D. Carolina de Arruda Leite Penteadado; o sobrenome “Amaral” era de linha materna. Fez os estudos primários em sua terra natal, Capivari. Aos doze anos transferiu-se para São Paulo, onde frequentou o Curso Anexo da Faculdade de Direito, que não concluiu. Cedo dedicou-se ao jornalismo, pois, por volta de 1892, portanto com dezessete anos, deve ter ingressado na redação do *Correio Paulistano*, onde ficou até 1905. Em 1901 casara-se com uma prima, e dessa união nasceram quatro filhos. Já era então autor de um livro de versos: *Urzes* (1899). Do *Correio Paulistano* passou-se para o jornal *São Paulo*, de cuja fundação participou, ao lado de pequeno grupo de vibrantes intelectuais. Mais tarde demitiu-se da folha e foi residir no interior do Estado, em São Carlos, onde trabalhou como professor primário. Foi nessa cidade redator do *Correio de São Carlos*. Mas não teve sorte e viu-se obrigado a fechar o colégio. Voltou então para São Paulo, para trabalhar em outro jornal, o *Comércio de São Paulo*, onde chegou a secretário. Lançada a idéia da fundação da Academia Paulista de Letras, Amadeu Amaral aplaudiu-a e nela ocupou a cadeira n.º 33, patrono Teófilo Dias. Pouco depois (1910) ingressava na redação de *O Estado de São Paulo*, a convite de seu diretor-proprietário Júlio Mesquita. Nesse mesmo ano, publica o seu segundo livro de versos: *Névoa*. Foi por isso homenageado por um grupo de amigos, tendo sido saudado pelo poeta Vicente de Carvalho. Participou também nessa época do corpo redatorial da revista humorística *A Farpa*. Depois colaborou no *Estadinho* e a seguir no *Queixoso*, revista satírica de sucesso. Em 1916, é fundada a *Revista do Brasil* por um grupo de paulistas ilustres (Luís Pereira Barreto, Júlio Mesquita, Alfredo Pujol, Armando de Sales Oliveira), dentre os quais Amadeu Amaral. Por morte do poeta Olavo Bilac, em 1918, foi eleito na sua vaga para a Academia Brasileira de Letras. Em 1920 vem a lume o seu famoso estudo dialectológico *O dialeto caipira*. Desse mesmo ano são as *Letras floridas*, coletânea literária. Em 1917 fundara com outros correligionários a *Liga Nacionalista* e aí começará novo aspecto de sua biografia; a tentativa de carreira política. Foi então que se fez maçom. Não teve êxito, porém. Duas vezes candidato a deputado (em 1922 e 1928), em ambas as eleições viu-se derrotado. Em 1923 mudou-se para o Rio de Janeiro, tendo trabalhado no jornal *Gazeta de Notícias*, onde chegou a secretário e foi um dos diretores. Na *Gazeta* escrevia artigos de fundo e fazia crítica literária de rodapé. Mas em breve surgiram incompatibilidades de natureza política entre Amadeu Amaral e a alta direção do jornal, que apoiava o situacionismo, na pessoa do Presidente da República, Dr. Ar-

tur Bernardes. Amadeu Amaral chegou a não comparecer a uma audiência marcada com o Presidente Bernardes; mas, diga-se em seu abono, que a combinaram sem o seu consentimento. Voltando a São Paulo, vai lecionar Português num ginásio da capital. Continuou, porém, a colaborar na imprensa. Muito contribuiu então para reativar o funcionamento da Academia Paulista de Letras, então em longo e apático recesso. Em 1924, quando ainda no Rio, publicou: *O elogio da mediocridade*, *Luís de Camões* e *Lâmpada antiga* (poesias). Em 1929 sempre fiel à sua incoercível vocação de jornalista (trabalhava em *O Estado de São Paulo* e no *Diário da Noite*), vítima de febre tifóide, veio a falecer.

Do ponto de vista físico, o seu principal biógrafo, Paulo Duarte, assim o descreve: “Alto, magro mas espadaúdo, cabelo e pelos claros, herança da mãe, muito loura, descendente talvez de holandeses, denunciava a sua serenidade até no andar. Olhos azuis, garços, muito grandes, davam a impressão de estar olhando ao longe, mesmo quando fitava alguém. Sua voz era um pouco rouca, sempre baixa e muito calma”.

A atividade intelectual de Amadeu Amaral pode ser dividida em duas fases, com o ano de 1920 por divisor.

Até essa data, temos o poeta e o literato. Relembremos que os seus livros de versos se situam nesse período: *Urzes* (1899), *Névoa* (1910), *Espumas* (1917). *Lâmpada antiga* é de 1924, mas a maioria dos versos coligidos devem ter sido compostos por volta de 1920. Não esqueçamos que, em 1922, houve em São Paulo um acontecimento literário e artístico marcante na vida intelectual brasileira: a *Semana de Arte Moderna*. A *Semana* é o impacto inicial do movimento “modernista” brasileiro. A poesia modernista representou em muitos pontos uma ruptura com o passado, e Amadeu Amaral sentiu-se literariamente inatual. As suas poesias foram de início de cunho simbolista, mas, aos poucos, retornavam às formas parnasianas. O nome de seu último livro de versos – *Lâmpada antiga* – bem mostra que se sentia em descompasso com a época.

O início da segunda fase de sua carreira de escritor coincide também com a sua vinda para o Rio de Janeiro (1923). A continuidade entre as duas fases vai ser mantida pela constante atividade jornalística. Nota-se, porém, que, no jornalismo, o que procurava era um meio de divulgação de suas idéias e ideais. O jornalismo era então, entre nós, um refúgio de intelectuais carecentes de veículos de comunicação com o meio cultural do país. Foi, p. ex., nas páginas da *Revista do Brasil* que Amadeu Amaral publicou os estudos que se iriam converter no *Dialeto caipira* (1920) e em órgãos da imprensa diária estampou o material que constitui a publicação póstuma *Tradições populares* (1948), bem como os seus trabalhos de crítica literária.

Com o *Dialeto caipira* tem início a fase científica da dialectologia brasileira. Desse livro disse o prof. Antenor Nascentes: “Amadeu Amaral, com o *Dialeto caipira*, imprime as verdadeiras diretrizes aos estudos dialectológicos; infelizmente poucos seguidores contou” (*Estudos filológicos*, 39). Um desses poucos seguidores

foi o próprio professor Nascentes, com o seu *Linguajar carioca*, de 1922. A mesma opinião exprimiram os professores Renato Mendonça e Gladstone Chaves de Melo.

O **caipira** é um falar do interior paulista, em vias de desaparecimento. “Hoje”, diz o A. na *Introdução*, “ele acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação” (p. 12). A pesquisa de A. A. restringiu-se, segundo informação de Paulo Duarte constante da introdução à 2.<sup>a</sup> ed. do *Dialeto*, às zonas de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos.

Foi o *Dialeto caipira* organizado no tipo das monografias vigentes na época. Recolhido o material, distribuiu-o pelos seguintes capítulos: I – **Fonética**; II – **Lexicologia**; III – **Morfologia**; IV – **Sintaxe**; V – **Vocabulário** (a parte mais extensa do trabalho). Deve-se ponderar que, na época, ainda não se haviam desenvolvido os estudos propriamente “fonológicos” e que a Geografia Lingüística se achava em seus primórdios, sem qualquer repercussão, aliás, no Brasil. Portanto, tendo em vista essas limitações, o estudo de A. A. pode e deve ser considerado pioneiro. Daremos alguns exemplos.

A. A. observa que o caipira, como todos os paulistas (e podemos estender a observação a todos os brasileiros), pronuncia claramente as vogais átonas. Essa lição é também a de autores modernos, como Celso Cunha, em livro recente (*Língua portuguesa e realidade brasileira*): “...as línguas classificam-se em vocálicas ou consonânticas, segundo a tensão que exigem na pronúncia das vogais e das consoantes. Uma língua ou se apóia nas vogais e relaxa as consoantes, ou, pelo contrário, tem o consonantismo forte e o vocalismo débil” (p. 82). E acrescenta: “O português era uma língua de base vocálica, e assim continua na modalidade brasileira”. Confirma, portanto, Amadeu Amaral.

Ainda dentro dessa perspectiva, A. A. trata do conhecido fenômeno da diferente colocação dos pronomes pessoais átonos no português do Brasil e assim a comenta: “A diferenciação relativa à colocação dos pronomes oblíquos, no Brasil, deve explicar-se, em parte, pelo ritmo da fala e pelo alongamento das vogais” (p.19). E cita, em seu abono, “o notável trabalho do prof. Said Ali”. Ora isso num jornalista e autodidata, que só lecionou língua portuguesa precariamente, é realmente de admirar, tomando-se em consideração ainda que muitos “especialistas”, na época nem sabiam da existência de Said Ali.

A exposição que faz A. A. das alterações fonéticas sofridas pela língua padrão do Brasil na boca dos caipiras é bastante clara e objetiva e ainda hoje válida. Relembre-se, p. ex., o que diz a respeito da pronúncia do /l/ nos grupos de oclusiva + l, nos quais o /l/ passa a /r/: **claro > craro**. **Vício** dos mais radicados “freqüente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude”; tendência, ainda hoje, aliás, não de todo desaparecida.

Na parte referente ao léxico, observa que “o fundo do dialeto representa um estado atrasado [= arcaico] do português” (p. 32), o que mais tarde confirmaria o prof. Révah em comunicação apresentada ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Lisboa, 1957): “Até prova em contrário consideraremos os falares populares brasileiros como falares **portugueses**” (p. 278 das *Actas*, I).

A respeito da propalada influência do tupi no português do Brasil (por enquanto apenas localizada no vocabulário) assim se exprime: “**refugium** de tantos que se cansam a procurar as razões de fatos obscuros e complicados da linguagem nacional” (p. 48). Confronte-se, p. ex., o que diz Révah na citada comunicação: “Para todos os fatos que estudamos, é absolutamente impossível ou inútil invocar a influência do tupi ou das línguas africanas: trata-se de arcaísmos perfeitamente caracterizados”. Já anteriormente Serafim da Silva Neto asseverara: “No português brasileiro não há, positivamente, influência de línguas africanas ou ameríndias” (*Introdução*, p. 107). Afirmção, contudo, que me parece um tanto cortante (não há demonstração do asserto, a não ser para o vocabulário, onde, aliás, a influência é positiva).

A respeito da pretensa “lei” da queda do -s final na pronúncia popular brasileira, A. A. diz o seguinte, ao tratar da flexão de número: “Se bem que se trate aqui de flexões, é impossível separar o que se passa com o s final, tomado como sinal de pluralidade, do que sucede com ele em outras circunstâncias; e difícilimo se torna reconhecer, em tais fatos, até aonde vai e onde cessam a ação puramente fisiológica, do domínio da fonética, e a ação analógica, do domínio das formas gramaticais” (p.51).

Esse cuidado não teve, p. ex., o prof. Révah, que, na citada comunicação dá como “lei fonética” “a queda de -s no fim das palavras paroxítonas e proparoxítonas”. E cita como exemplo **duas casa**, onde ocorre uma palavra paroxítona com -s final conservado.

No que diz respeito à Sintaxe, recordemos o conhecido fato do emprego de **ele**, **ela** como objetos diretos. Quanto a esse ponto, assim se refere A. A.: “Dele se encontram alguns exemplos em antigos documentos da língua; mas é claro que o brasileirismo se produziu independentemente de qualquer relação histórica com o fenômeno que se verificou, sem continuidade, no período anteclassico do português” (p. 59).

**É claro**, diz o A., por uma espécie de sentimento da realidade lingüística brasileira. Na verdade, esse conhecido fenômeno merece uma explicação estrutural e não histórica. Foi possivelmente a variedade das formas enclíticas **o**, **lo**, **no** (acrescida da dificuldade da intercalação nos futuros) que levou a língua transplantada a uma simplificação morfológica, com a criação da forma universal **ele**, o que provocou repercussão em todo o sistema pronominal (**ele**, obj. dir. da pessoa de quem se fala; **lhe**, obj. dir. ou ind. da pessoa com quem se fala; **a ele**, ob. ind. da pessoa de quem se fala).

Relativamente ao vocabulário, diremos apenas que *O dialeto caipira* continua indispensável para quem quer que deseje conhecer ou estudar o léxico popular da língua portuguesa no Brasil.

O valor do livro, mormente para a época e tendo em consideração as condições pessoais do seu A., é extraordinário. A ele assim se referiu com autoridade o prof. Révah: “O ponto de partida (da Dialectologia brasileira) foi assinalado pelo belo livro, aparecido em 1920, de Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*: livro tanto mais notável quanto tem por autor um poeta e um folklorista, e não um dialectólogo profissional” (p. 276, da citada comunicação).

Essa referência ao folk-lorista nos põe em contato com o segundo livro de Amadeu Amaral que também se inclui no círculo de suas cogitações lingüísticas: *Tradições populares*.

O seu principal biógrafo, Paulo Duarte, considera-o, como pesquisador, um folk-lorista e inclui dentro dessa vertente o estudo que empreendeu sobre o dialeto caipira, pois este nada mais foi que um dos aspectos sob os quais encarava a “cultura popular”.

*Tradições populares* são um livro póstumo. Constitui o primeiro volume de uma série de “obras completas” programada para dez volumes pelo Instituto Progresso Editorial S.A. (IPE), de São Paulo, mas, infelizmente, nem a série, nem a Editora continuaram (*O dialeto caipira*, como diremos no final, ainda logrou 2.<sup>a</sup> ed.).

O material que o constitui (dois terços, aproximadamente) foi coligido de artigos na imprensa paulista, particularmente em *O Estado de São Paulo*. Outra parte é constituída de originais em poder da família, ou então de folhas datilografadas que A.A. confiara a seu amigo Paulo Duarte. O nome “Tradições populares” vem do título geral que o A. deu aos seus artigos em *O Estado de São Paulo* (V. o estudo introdutório de P.D. às *Tradições*, p. XXVII). Deve-se observar que boa parte da obra inédita de A. A. infelizmente se perdeu.

Foi grande o interesse, o entusiasmo e a dedicação de A. A. pelos estudos folk-lóricos. Nas viagens que tinha de fazer não deixava de levar um caderninho para as anotações da fala e dos costumes populares. Em São Paulo lutou pela fundação de uma “Sociedade Demológica”. E, no Rio de Janeiro, a única proposta que apresentou à Academia Brasileira de Letras foi no sentido da constituição de um órgão destinado à supervisão dos estudos folk-lóricos no Brasil. Essa proposta teve o parecer favorável de João Ribeiro e Gustavo Barroso, mas não produziu efeitos práticos. O discurso então pronunciado por A. A. teve o nome de “Folklore e Dialectologia”. Deve-se, pois, colocar Amadeu Amaral entre os primeiros grandes folkloristas brasileiros, ao lado de João Ribeiro, Sílvio Romero, Lindolfo Gomes, Melo Moraes Filho e poucos mais.

Em *Tradições populares* a recolta foi variada: cantos e contos populares, paremiologia, adivinhas, superstições, romanceiro. Amadeu Amaral pretendia mesmo editar um “cancioneiro caipira”.

Não tinha ele do folk-lore uma concepção romântica e até a ela se opunha. Não era dos que proclamavam, como Sílvio Romero, que “poesia é no povo”. Ou que exclamavam como Jaime Cortesão: “Que grande poeta é o povo!”. Amadeu Amaral era mais prudente: “Nada tão freqüente como se verem comovidos, ardentes elogios à musa popular, à sua simplicidade graciosa de flor do campo, ao seu lirismo sincero e forte, aos pensamentos profundos que ela encerra e até à filosofia a que ela chega a alçar-se com asas geniais...” (p. 99 das *Tradições*). Para A.A. há exagero nisso, pois tais cantigas em geral não são tão belas e, quando o são, talvez não sejam “populares”. “Porque há muito verso que se dá como popular, por o terem ouvido a um ou dois indivíduos mais inteligentes, mais espertos, ou mais em contato com as camadas cultas e com a literatura, mas que de fato não tem maior popularidade do que aquela que se lhe proporcionou pela imprensa, entre a gente que lê (p. 102).

A. Amaral procurou também exercer um ofício a que poucos se dedicaram (e se dedicam) no Brasil, e o fez com a probidade e competência costumeiras. Refirime à crítica literária. Os seus estudos (artigos e conferências) sobre vultos importantes de nossas letras, contemporâneos ou não, acham-se enfeitados em dois livros infelizmente pouco lidos: *Letras floridas* (1920) e *O elogio da mediocridade* (1924).

O primeiro compreende os seguintes capítulos: *Raimundo Correia, Árvores e poetas, Epigramas e madrigais, A cigarra e a formiga, Espinhos e flores da arte, A literatura da escravidão e As promessas do escotismo*.

A matéria, como se vê, com exceção do último artigo, é toda de caráter literário. A. Amaral abre o livro com o elogio poético de Raimundo Correia, estudo que julga o mais importante da coletânea. No entanto, pela originalidade, parecidos que a pesquisa mais importante é a referente à literatura da escravidão. Essa vergonhosa instituição deixou muitas marcas em nossa realidade social, mas durante muito tempo não mereceu a atenção dos especialistas, mais preocupados com a atividade e a influência das elites. A. Amaral, vencendo esse preconceito, fez um primeiro balanço do que o tema quase proibido havia inspirado a alguns de nossos poetas, dentre os quais um verdadeiramente grande, Castro Alves.

O nome do volume – *Letras Floridas* – assim o justifica o A.: “... isto é, letras jocundas e leves, de ócio e divertimento, sem espinhos e sem fruto, – eis o que se encontrará neste volume”.

Isso nos leva ao título do outro trabalho, sem dúvida curioso (particularmente por se tratar do estudo de autores que, por suposto, devem ser de valor): *O elogio da mediocridade*. Trata-se do nome do primeiro artigo, que traz o subtítulo “Carta a um crítico”. Aí define a sua posição: “A mediocridade é necessária, absolu-

tamente necessária – quer no sentido de coisa inevitável, quer no sentido de coisa útil. É, porque tem de ser; além disso é benéfica.” E exemplifica: “Dante não teria feito a *Comédia*, nem Camões os *Lusíadas*... se não fosse a enorme legião dos pigmeus sem nome nem lustre. Os mediocres, por assim dizer, são aqueles que adubam o terreno onde florescerão os gênios. Demais os gênios são em muito menor número do que certos críticos têm feito crer. E não são gênios continuamente, pois apresentam também muito bagaço em sua obra literária. Sem esquecer que é por contraste com os mediocres que os gênios se definem”.

Essa posição crítica de A. Amaral é bem expressiva do seu anti-romantismo. A idéia do gênio-milagre-da-Natureza lhe era estranha. A. Amaral acreditava no talento, sim; não, porém, no talento inculto, nativo, força telúrica que se impõe pelo poder irresistível de suas virtualidades. Os dons da Natureza têm de ser apurados, aperfeiçoados, polidos e repolidos pelo esforço constante e metódico do estudo. O esforço dos mediocres, p. ex., exige um esforço maior e mais profundo do que o daqueles que pretendem superá-los.

Outros estudos do mesmo volume: *Brasil, terra de poetas...*, *Linguagem e caráter*, *A comédia ortográfica*, *Olavo Bilac*, *Machado*, *de Assis*, *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*, *Pe. Antônio Vieira*, *Gonçalves Dias*, *Martins Fontes*, *Cecília Meireles*, *Academia Brasileira*. Vê-se, pois, que, apesar do título do volume, A. Amaral sabia escolher os autores que estudava.

No artigo *Brasil, terra de poetas...*, A. Amaral combate o preconceito (também romântico) de que os poetas medram em solo brasileiro espontânea e abundantemente. Essa era outra faceta do seu caráter, consequência do espírito científico de que era dotado: o combate incansável aos preconceitos, aos lugares-comuns, às pseudo-verdades, aceitas à força de repetidas, mas para as quais nem os fatos, nem a reflexão encontravam fundamento.

A. A. foi um grande pesquisador e os seus estudos se caracterizam pela contribuição pessoal num domínio onde tudo estava por fazer. A coleta de provérbios que empreendeu, a comparação com similares em outras línguas, a interpretação que tentou, tudo isso era inteiramente novo naqueles dias. E não se julgue que fazia esse trabalho com espírito amadorista, simples colecionador de curiosidades, diligente e talentoso. Para a época e dentro das limitações que o meio impunha, sem cursos superiores de letras, procurava informar-se nas melhores fontes. Conhecia Pidal, Pedro Salinas, van Gennep, Sébillot, Teófilo Braga, Jaime Cortesão, Pitré, Milá y Fontanals. Na bibliografia que acompanha *O dialeto caipira*, vê-se que era bom o seu conhecimento da dialectologia brasileira e portuguesa da época. Em resumo, foi Amadeu Amaral um espírito culto e uma lídima vocação de pesquisador e homem de ciência, que só não produziu mais e melhor em razão das limitações culturais do meio e da época em que viveu.

\*

**BIBLIOGRAFIA**

## a) Trabalhos de Amadeu Amaral:

1. *Urzes* (versos). São Paulo, 1899.
2. *Névoa* (versos). São Paulo, Livraria Magalhães Editora, 1910.
3. *Espumas* (versos). São Paulo, Edição de “A Cigarra”, 1917.
4. *A pulseira de ferro* (novela). São Paulo, Sociedade Editora Olegário Ribeiro, 1920.
5. *Letras floridas* (conferências literárias). Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurílio, 1920.
6. *O dialeto caipira* (estudo dialectológico). São Paulo, Casa Editora “O Livro”, 1920.
7. *Lâmpada antiga* (versos). São Paulo, Imprensa Metodista, 1924.
8. *Luís de Camões* (estudo biográfico e crítico). Rio de Janeiro, Edição da Revista de Língua Portuguesa, 1924.
9. *O elogio da mediocridade* (estudos literários). São Paulo, Nova Era, 1924.
10. *Memorial de um passageiro de bonde* (obra póstuma). São Paulo, Edições Cultura Brasileira, 1938.
11. *Tradições populares* (coletânea de artigos folk-lóricos). São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1948.
12. *O dialeto caipira*, 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Anhembi, 1955.

**Nota:** Estes dois últimos trabalhos faziam parte de uma anunciada publicação das “obras completas” de Amadeu Amaral em dez volumes. Os oito volumes restantes, que até hoje não foram publicados, tinham os seguintes títulos: *Poesias completas*, *Política humana*, *Letras floridas*, *Bilac*, *Arredores da crítica*, *Memorial de um passageiro de bonde*, *Elogio da mediocridade e correspondência*.  
O editor era Paulo Duarte.

## b) Trabalhos sobre Amadeu Amaral:

1. ALBUQUERQUE, Medeiros e. In *Páginas de críticas*, Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurílio, 1920 (pp. 421-429).
2. ALMEIDA, Guilherme de. “Elogio de Amadeu Amaral”. In *Discursos acadêmicos*, vol. II, Rio de Janeiro, ABC, 1937 (pp. 239-257).



3. ANDRADE, Mário de. In *O empalhador de passarinho*, São Paulo, Martins, 1946 (pp. 155-158).
4. BARRETO, Plínio. In *Páginas avulsas*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1958 (pp. 107-116).
5. DUARTE, Paulo. Estudo in *Tradições populares*, São Paulo, 1948 (pp. IX-XLVI).
6. FERRAZ, Bento Prado de Almeida. *A poesia de Amadeu Amaral*. In *Revista da Academia Paulista de Letras*, n.º IX/34, de junho de 1946 (pp. 156-166).
7. LEITE, Manuel Cerqueira. *Amadeu Amaral* (poesias). Introdução, seleção e notas. São Paulo, Editora Assunção, 1945.
8. MENUCCI, Sud. “Amadeu Amaral”. In *Cadernos da hora presente*, série I, n.º 6, Rio de Janeiro, 1940 (pp. 58-94).
9. SILVA, João Pinto da. In *Vultos do meu caminho*, 2.ª série. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1926 (pp. 94-103).
10. SOUSA, Alberto. *Amadeu Amaral*. São Paulo, Imparcial, 1918, 45 pp.

**Nota:** Para a bibliografia de/sobre Amadeu Amaral, consultar o livro de Cerqueira Leite (v. supra) e a *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*, de Otto Maria Carpeaux (pp. 236-237, na 3.ª ed., Rio de Janeiro, Editora Letras e Artes, 1964).

\*\*\*